

5

Conclusão

Falar o que quer que seja de Deus só é possível devido a vários pressupostos de conteúdo, linguagem, experiência e mesmo de disposição. Falar *Deus* pode ter tantos significados que impossibilite uma comunicação simples e eficaz. Por isso *Deus* vem sempre acompanhado de qualificativos, senão explícitos (meu Deus, Deus Pai, bom Deus, etc.) ao menos implícitos à nossa história e cultura.

Não é tanto o termo *Deus* que forja as imagens concretas do divino com as quais nos relacionamos em nossa vida. Isso porque *Deus* talvez seja abstrato demais. Precisamos focar nos qualificativos que o acompanham, é assim que aprendemos desde cedo. Não é por ser Deus que devemos temê-lo quando fazemos algo errado, mas por Ele ser *justo* e punir quem erra! No fundo não é *Deus* que nos assombra na força da natureza, mas é sua *onipotência*, que mesmo tão abstrata, espanta, impõe respeito, e um pouco de medo também.

Esse trabalho se propôs a uma caminhada cujo itinerário passava por vários desses atributos, não os esmiuçando, mas coletando algo em comum, percebendo a trama de relações mais complexa do que um primeiro olhar apreende. E, ao entrever, tantas experiências possíveis de Deus, percebe-se logo o quanto o ambiente, a época, as necessidades de cada um influenciam nessa imagem a ser assumida e por tantas vezes imposta em cada tempo e lugar. Como qualquer conceito humano, sua construção sociocultural ressalta uma relatividade que muitas vezes tentou-se mascarar ou mesmo simplesmente negar em nome da exclusividade na linguagem acerca de Deus. Repare-se que não se trata aqui de Deus, mas do conceito possível de *Deus*, da imagem buscada como mais adequada para não apenas o representar, mas para melhor levar o ser humano a Ele.

Essa descoberta das imagens (qualquer imagem) como construção num primeiro momento pode parecer de encontro ao fenômeno da Revelação. E se tudo o que sabemos ou experimentamos de Deus é por iniciativa e autorrevelação divina, como compreender esse caráter processual e o papel distinto do ser humano? Essa pergunta parece gerar uma discussão acerca do papel do ser humano, e isso está correto, ela gera sim, mas não apenas isso. Antes, na verdade,

é o que compreendemos por Revelação que é questionado. Simplesmente não é possível, não é aceitável insistirmos numa compreensão por demais mecânica da Revelação de Deus, seja como *ditado divino*, seja como manifestação *mágica* ou *milagreira* no mundo.

Diretamente depende a reflexão acerca das Imagens de Deus de como compreendemos a Revelação de Deus. E este trabalho aponta claramente para uma posição muito dinâmica nesse assunto. Compreendemos a Revelação num processo que não negue sua natureza divina – Revelação de Deus não pode ser totalmente compreendida pelo ser humano, criatura, e, portanto, menor – sendo ela, na verdade, um processo que mantém sua relevância sempre no presente, e guarda seu ápice para a realidade escatológica de comunhão plena com Deus, onde o ser humano verá a Deus face a face.

A Revelação plena em Jesus Cristo não pôde ser apreendida totalmente nem por seus contemporâneos, que o negaram, crucificaram e mataram. Cada pessoa que se volta para Deus que se revela apreende um aspecto novo e pessoal dessa Revelação, que por ser infinita como Deus, não pode ser medida em quantidade (apreende mais ou menos da Revelação), mas se trata sempre de um olhar diferente, com algo em comum. Pessoas de épocas e culturas diversas das nossas, ao olharem o Evangelho, por exemplo, poderão ter intuições e perceber coisas que para nós não seria possível, pois nos faltam as condições necessárias para tal, faltam os referenciais para reconhecer tais aspectos diferentes da Revelação.

Isso tudo transforma as possibilidades de relacionamento com Deus. Se podemos abstrair de uma imagem endurecida do Deus de nossos antepassados, podemos perceber que não é Deus que deixa de ser nosso Deus, mas a face que conseguimos pintar dele que se adéqua mais ao que somos hoje, diferentes do que nossos antepassados eram. A principal transformação, verdadeira transfiguração da imagem de Deus, é a superação de um deus intervencionista! Sobre essa questão, no fundo, é que gira esse trabalho. Para isso é que conceitos como Verdade precisam ser bem entendidos, afinal a imagem do Deus dos Exércitos, tão eloquente na narração bíblica, pode ser tão verdadeira quanto o *Abbá* que Jesus nos apresenta. Não se trata de adequação lógica, mas de fidelidade a um projeto que contempla o ser humano, e este caminha, cresce, aprende e muda.

Não significa que o Deus que exige provas de fé, seja de Abraão ou de tantas outras personagens bíblicas, represente um modelo ultrapassado ou uma

imagem maculada de Deus. Significa apenas que essa imagem não responde mais aos anseios de uma humanidade que descobriu sua autonomia, mesmo no cuidado com a criação, mesmo diante da responsabilidade de *construir* um mundo melhor, de paz e fraternidade. As *provas de fé* ainda são necessárias, mas não para convencer um deus tão projeção nossa, mas para nos convencermos e animarmos nessa labuta que aparentemente não acaba.

Esse Deus sim é Pai, sem entretanto ser *paternalista*, sem caminhar no lugar dos filhos, justamente porque os ama tanto. Deus *não pode* caminhar em nosso lugar, enfrentar ou tirar os desafios e dificuldades de nossa vida, simplesmente porque Ele nos ama demais para isso, ama demais para negar nossa liberdade e caminhada pessoal. Deus não apenas não age em nosso lugar, Ele também não age ao nosso lado. Ele é, na verdade, *quem faz agir*, contando sempre com o ser humano. E isso faz toda a diferença enquanto desmistifica a realidade, superando uma visão fantástica da fé, uma postura dualista que invariavelmente gera um moralismo e falta de autonomia.

Jesus não apenas sabia, ele *aprendeu* isso. Sentiu-se sozinho, abandonado. Sofreu. E cresceu enquanto homem que se volta para Deus. Certamente esse trabalho poderia ter dado mais destaque a esse Jesus, que aprende com José o ofício da carpintaria, que trabalha, que bebe com os amigos nas festas (até provê o vinho), que tem algumas famílias que lhe são próximas e que gosta de visitar para descansar, que se decepciona com seus discípulos, que chora a morte de seu amigo, que no fundo nos ensina muito sobre o que é a humanidade. Esse Jesus merecia um espaço maior, pois ele nos revela uma face de Deus até mesmo mais do que *Abbá*. Talvez outro trabalho possa continuar essa reflexão.

Superar a imagem de um deus intervencionista também exige desconstruir alguns conceitos diretamente atribuídos a Deus, e a onipotência certamente foi um dos mais necessários. Da forma superficial e ingênua como é muitas vezes compreendida até mesmo pela comunidade de fé, onipotência não é nem mesmo algo com sentido. Não são apenas os paradoxos que apontam isso, mas uma busca desvinculada de realidade. Se Deus é ou não capaz de criar um círculo quadrado, ou uma pedra tão pesada que nem ele mesmo possa levantar (e depois resolver o problema de *poder* levantá-la), isso tudo pode ser problema de linguagem, ou de uma lógica abstrata demais. Agora, Deus não pode negar a si mesmo, não pode agir contra sua natureza, que é Amor, puro Amor.

Sua Presença é concreta, real e *atuante*, sem com isso significar que Deus faz *performances* para alguns escolhidos. Aliás, essa ideia de *escolhidos* também é muito complicada, especialmente quando imbuída de exclusivismo, pois geralmente a compreensão é de *únicos escolhidos*. Isso para se pensar o fenômeno religioso como um todo é um dificultador. Superar um deus que age de fora escolhendo privilegiados significa superar uma visão da realidade que justifique ou até legitime essa *desigualdade* que exclui e mata.

Um dos problemas diretos de um deus que interfere é a questão do mal. Como um Deus bom e *onipotente* pode permitir o mal no mundo? A resposta é uma só: *não pode!* Mas uma resposta tão precipitada não contribui para a reflexão, que antes precisa olhar com calma para todos os termos da pergunta. A bondade de Deus não está condicionada à sua intervenção, e sim muito mais à sua natureza que na *criação* transborda e doa ao ser humano a liberdade de construir um reino de amor. A onipotência não significa fazer qualquer coisa, como negar o direcionamento primeiro da criação, intervir seguindo a caprichos e paixões. O poder de Deus é o *poder de servir* que a humanidade herda como filhos e filhas tão amados. Poder cuja tônica é esse amor *ágape*. Assim, mesmo *permitir* se torna um termo dúbio, pois está no campo das pressuposições, como a de que Deus *se quisesse* interferiria, e não o faz porque não o quer. Por fim, até o conceito de *mal* nesse enunciado parece personificado demais, de modo a desvinculá-lo das decisões erradas do ser humano e da responsabilidade em agir por seu egoísmo.

Num mundo tão complexo, antevemos a riqueza da criação livre, abençoada e tão capaz que é a humanidade. Muita coisa acontece nessa realidade que não é a vontade de Deus. Ele, no entanto, por vezes *só pode* nos oferecer sua *compaixão*. Muitas tragédias que não são nem vontade de Deus nem culpa de ninguém. Nessa realidade é que a humanidade precisa aprender a viver sua vocação de protagonista, de responsável e de cuidadora de toda a criação. Mas se trata da humanidade unida, em comunhão, não setorizada ou hierarquizada.

Por isso que essa dissertação aponta claramente como *consequência* dessa nova experiência de Deus, o *diálogo*. Diálogo com o outro e com Deus. Se Deus não é *exclusivista*, então a postura perante as outras religiões também não pode ser. Quanto a isso até ousadamente se aponta a possibilidade de passos largos, como o proposto sob o termo de *inreligiosação*. Mas talvez o mais radical e ousado seja o passo seguinte, ao se propor um novo diálogo *com Deus*. Não mais

um interventor, ou alguém a quem recorrer. Alguém presente sim, mas não como uma entidade que se apodera de eventos para se manifestar. Mas o reconhecimento de Deus na *ordinariedade*, em outras palavras, *em tudo*. Presença que não afeta, mas que possibilita. Que não distrai, mas que atrai ao natural, ao caminho a ser seguido e escolhido. Rezar não se torna difícil ou sem sentido. Mas se torna diferente sim. Rezar não é *contar com*, mas se comprometer. Autonomia. Responsabilidade. E isso muda tudo.

A postura do ser humano diante da realidade muda também de acordo com seu relacionamento com Deus. Trata-se de uma dialética que constitui essa relação. Assim sendo, uma imagem de Deus que inspire a autonomia, que leve à construção e realização de um mundo melhor, antecipa já uma realidade antes comumente relegada a um futuro abstrato. A dinâmica que permite a concretização da promessa em Deus se torna possível ante uma imagem de Deus que gere sentido, que gere vida e vida em abundância.

Por isso é possível falar de esperança como realização, não como espera. É possível tornar real uma dimensão da realidade cujo ápice será a plenitude dos tempos, mas que já é experienciável à medida que assumida como tal. Essa se torna a verdadeira experiência de Deus, a verdadeira imagem possível para quem assume o compromisso. E tudo isso sempre na dinâmica da *gratuidade*.

Não se pode fazer trocas com Deus, não se pode barganhar. Simplesmente porque Ele é pura gratuidade, e já nos concede tudo. Somente depois dessa caminhada de libertação dos conceitos opressores e oprimidos de Deus, é possível falar de verdade em gratuidade e assumir as consequências de um discurso assim.

Se falamos em gratuidade, não falamos em condições. Deus nos ama e ponto. Não nos ama *desde que*. Um deus que interfere de fora, precisa de compensação ou ao menos nós precisamos de algo que nos convença de sua ação, ou que nos dê uma mesma falsa sensação de segurança, de merecimento de sua ação. Como é difícil aceitar que Deus tudo nos dá *gratuitamente*! Não são só morais os dilemas que surgem, eles mexem com o próprio do ser humano, acostumado a *se garantir*.

Esse viver na gratuidade da Bondade de Deus muda nossa vida. Não muda para ganhar algo ou para chegar a algum lugar. Só é possível dar o primeiro passo porque já imbuídos dessa Graça. Não se trata de um peregrinar para *chegar até Deus*. Ele já é companheiro. Caminha conosco, não, no entanto, em nosso lugar.

É claro que tudo isso não pode ser afirmado no plano empírico. Trata-se de um discurso *na esperança*. Mas não simplesmente numa espera. Na esperança que é fundamento não só da fé, mas do próprio ser humano. Esperança do verbo *esperançar*. Quando essa esperança toma corpo, o nosso corpo, quando ela toma vida, a nossa vida, tudo muda. É a possibilidade de antecipar essa experiência de um Deus que liberta, mas que para isso, precisa de nós.

De acordo com a imagem interna que sustentamos de Deus, por vezes até inconscientemente, se dará nossa vivência da fé, nossa prática eclesial e mesmo nossa postura diante da realidade, que muitas vezes nos desafia e questiona. Alguém que não consegue superar uma imagem de Deus por demais violenta e que gera medo de punição, corre o risco de ter uma postura muito mais rígida que misericordiosa, com relação a si mesmo e aos outros. Muitas das vezes, colaborará para a construção e manutenção de uma Igreja focada nessa teologia do mérito, de trocas com Deus, onde é preciso expiar o pecado para purificar-se perante Ele.

Por outro lado, alguém cuja imagem de Deus seja por demais paternalista, tende a cultivar uma vida de fé descomprometida, onde para tudo recorre-se a Deus, e a tudo justifica-se como vontade de Deus, desde a tragédia para qual não temos explicação até a alegria de alguém que passou no vestibular.

Essa reflexão também mereceria aprofundamento, entretanto, por motivos óbvios de delimitação, esse trabalho não conseguiu desenvolver tantos aspectos das consequências de uma imagem de Deus distorcida. Um enfoque eclesiológico trabalhando as consequências nas comunidades de fé da participação de alguém cuja imagem de Deus seja assim um tanto distorcida mereceria quem sabe até uma pesquisa de campo. Outro estudo poderá aprofundar essa questão.

Por fim esse estudo parece, reconhecendo as concessões necessárias, ter atingido plenamente seus objetivos, sendo o caminho apontado desde a experiência de Deus, e teologicamente, desde a Revelação, até a vivência dessa nova imagem, fundamental e última, de um Deus que se realiza a cada dia em nossa realização.

Em momento algum nosso objetivo fora de estabelecer uma imagem definitiva de Deus, ou melhor, ou mais adequada. Pelo contrário, nossa determinação sempre foi de apontar a necessidade *constante* de superação dessas imagens, ou ao menos de sempre percebê-las limitadas enquanto imagens.

A linguagem simbólica foi valorizada em todas as etapas dessa caminhada, e permanece como opção ao mero conceitualismo frio das definições tidas por definitivas.

O ponto de chegada, como não podia deixar de ser, se revela como ponto de partida. Não apenas para novos estudos e aprofundamentos, mas nele aprendemos que a experiência de Deus não estagna, não pode ser aprisionada, nem mesmo controlada de acordo com nossos interesses. É a vivência da liberdade.

E o pano de fundo, embora nem sempre conceitualmente explícito, foi o tom de *Esperança* tão necessário quando se desconstrói conceitos tão fundamentais. Esperança não de gerar sentido, mas *que gera* sentido, e vida.